


CEEE/Som do Sul

Henrique Mann

fascículo nº 13



Almôndegas
Kleiton & Kleiton



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle / CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossir Berni - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Silvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Almôndegas / Kleiton & Kledir

No Rio Grande do Sul, do início dos anos 70, principalmente na capital, Porto Alegre, assim como em qualquer cidade já globalizada ou em processo de globalização no mundo, a vida era experimentada em bando. Viviam aqueles personagens jovens um *hippiismo* atrasado, já em extinção na Europa. Para se viver de música por estas bandas, vivia-se na boêmia e cantava-se nos bares da noite ou seguiam-se os passos de Teixeira pela pelos bailões ou, ainda, criava-se uma banda de rock e vivia-se ameaçado de ser preso por mau comportamento. Uma das possibilidades era tentar a sorte na Califórnia da Canção de Uruguaiana, que dava início ao movimento dos festivais nativistas.

Não era nem uma coisa nem outra o que aqueles estudantes de Engenharia e do Instituto de Artes da UFRGS buscavam quando se reuniam à noite para tocar e cantar na casa de parentes e amigos. A música era a forma de manter o bando unido. Eles já haviam presenciado a forte movimentação cultural e política que os festivais de música serviram ao país a partir de 1966, logo depois do golpe militar; mas, como muitos ainda eram do interior, sequer tinham acesso às informações necessárias para imaginar que o Rio Grande do Sul, afora ter oferecido Getúlio Vargas, Lupicínio e Elis ao Brasil, pudesse figurar naquela agitação central tão intensa que a TV e o rádio traziam. Sim, Porto Alegre tivera suas experiências em festivais de música universitária e popular brasileira, no final dos anos 60.

Os festivais da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, principalmente, haviam apontado uma série de novos autores que surgiam no meio universitário, no final dos anos 60. O Musi-Puc, a partir de 1974, era centro de atenções dos poucos jornalistas interessados em acionar um movimento da música popular do RS (de Porto Alegre, melhor dizendo). Foi ali, no Musi-Puc, que, em 1974, os irmãos Kleiton Ramil (violão, violino, vocais) e Kledir Ramil (violão, vocais), junto dos amigos Pery Souza (percussão, vocais), Quico Castro Neves (violão, viola), Gilnei Silveira (percussão) e João Baptista (baixo) apareceram, mostrando um som totalmente acústico: sem contrabaixo, guitarra ou bateria, símbolos dos roqueiros em ascensão naquele momento. As músicas eram inspiradas em fatos folclóricos, na identidade jovem urbana do sul do país, no dia-a-dia da juventude que vivia na época e na releitura de canções regionalistas.

Após a destacada apresentação no Musi-Puc, foram convidados a gravar um disco pela Continental. Ainda não tinham nome. Então fizeram uma canção, dizendo que eram umas "almôndegas". O nome era aquele. O primeiro disco, *Almôndegas*, saiu no início de 75 e começou a rodar direto nas rádios, principalmente na Continental (AM, que era só o que tinha naquela época). O segundo LP, *Aqui*, saiu em seguida, no final do mesmo ano. O sucesso foi enorme. *Vento Negro, Amargo, Haragana, Velha Gaita, Sombra Fresca e Rock no Quintal, Amor Caipira e Trouxa das Minas Gerais, Piquete do Caveira*. Todas, sem exceção, músicas que passaram a fazer parte da programação das rádios e das rodas de som entre amigos. Através da Rádio Continental, é bom lembrar, surgiu e cresceu toda uma geração de músicos urbanos, que via suas canções serem gravadas ao vivo, em dois canais no próprio estúdio da rádio ou mesmo rodadas em fitas de gravações caseiras.

Em 1977, o grupo se mudou para o Rio de Janeiro, menos Pery e Quico. Os quatro passaram a morar juntos em um apartamento em Ipanema e lançaram mais dois LPs, ambos pela gravadora Phillips: *Alhos Com Bugalhos* (77) e *Circo de Marionetes* (78). Zé Flávio Oliveira (guitarra e violão) ingressa, com a saída de Quico, no terceiro LP e Fernando Pezão (bateria) a partir do lançamento do quarto e último LP do grupo, em 1978. O "Almôndegas" fez muitos shows no RS e em vários estados brasileiros e encerraram suas atividades em 1979, mesmo ano que a dupla de irmãos "Kleiton & Kledir" surge no festival da TV Tupi, cantando *Maria Fumaça* e iniciando uma carreira de grande significado para a música gaúcha.

A importância do "Almôndegas" só aumentou com o decorrer dos anos. Quando "Engenheiros do Hawaii" gravou *Gaúcho da Fronteira - Herdeiro da Pampa Pobre* - todo mundo achou bacana o pop-rock filtrando o gauchismo. O "Almôndegas" havia feito aquilo desde o início, basta lembrar *Gaúcho de Passo Fundo* (Teixeirinha). O "Almôndegas" meteu o folk e o rock no regionalismo e influenciou decisivamente "Nenhum de Nós", "Engenheiros do Hawaii", "Tambo do Bando", "Doidivasas", Vitor Ramil e outros. Foi o grupo gaúcho de música popular de maior sucesso nos anos 70, se somarmos também a continuação do trabalho com os irmãos Kleiton e Kledir que formavam o embrião do grupo. Foram pioneiros no pop gaúcho de bases regionais a despontar no centro do país.



Cronologia: Almôndegas

1971 - Uma turma de jovens participa do I Festival Universitário Catarinense da Canção (Fucaca) em Florianópolis. Kleiton, Kledir, Quico Castro Neves, Pery Souza e Biaggio. Independentemente do resultado obtido, foi a primeira vez que lhes ocorreu a idéia de que a música poderia ser mais importante em suas vidas do que os projetos pessoais ligados à Engenharia ou outras faculdades. Só para constar, a música foi *Quadro Negro*, de Kledir, e venceu o festival.

Ainda participariam da segunda edição deste evento, em 1972, classificando-se em segundo lugar com outra música de Kledir.

1972 - Apresentam-se, cada qual com seu trabalho, na I Mostra de Música Popular, promovida pelo curso pré-vestibular IPV no Theatro São Pedro, sob direção de José Fogaça.

1974 - Durante algum tempo, trabalham um som acústico, calcado em mistura de ritmos regionais e urbanos de uma maneira bastante peculiar. Novos eventos vieram e, após várias apresentações destacadas no Musi-Puc e outros festivais e mostras, surge a oportunidade de gravar para Rádio Continental. *Vento Negro* (de Fogaça)

foi a primeira gravação em fita rolo a rodar naquela rádio. Apesar do sistema precário de gravação, o operador Aneli sabia o que fazia, e o resultado foi que outras músicas tocadas pelos rapazes, como *Até Não Mais* (de Kledir), *Sombra Fresca e Rock no Quintal* (de Zé Flávio Oliveira) começaram a fazer sucesso na programação da Continental. O grupo, formado por Kledir, Kleiton, Gilnei Silveira, Quico e Pery, assina contrato com a Gravadora Continental (nada a ver com a Rádio Continental, apesar dos nomes) para lançamento de um LP. Não tinham um nome para o conjunto. Fizeram uma música bem-humorada, na qual diziam "*nóis sêmu umas almôndegas*". Estava ali o nome da banda e do disco.

1975 - Em janeiro, o empresário Roberto Santana arranja-lhes uma temporada no Teatro Vila Velha, em Salvador (Bahia). De lá, seguem para o Teatro Marília, em Belo Horizonte, até o final de fevereiro.

O repertório do disco estava pronto e testado nos shows; então seguem para São Paulo onde gravam o LP *Almôndegas*, em estúdio de quatro canais. A gravação de *Vento Negro* tornar-se-ia um dos maiores clássicos da música do Rio Grande do Sul em todos os tempos.

A 11 de abril, o disco é lançado em show no Teatro Leopoldina (atual Teatro da Ospa). A repercussão já estava garantida pelo sucesso que algumas músicas faziam no rádio, através das gravações em fita, mas o grupo cai



I FUCACA (Festival Universitário Catarinense da Canção, 1971. Kledir, Biaggio, Kleiton, Quico e Pery.



Detalhe de capa do LP "Almôndegas", 1975. Pery, Gilney, Kledir, Quico e Kleiton.

no gosto popular em quase todos os segmentos. O "Almôndegas", mais do que moda, torna-se referência de modernidade gaúcha.

Em maio, divide show no Gigantinho com Caetano Veloso, Gal Costa e Milton Nascimento, partindo para temporada em Belo Horizonte no mês de julho. Surpreendentemente, um dos fundadores, Pery Souza (percussão e voz), deixa o grupo, sendo substituído por João Baptista (contrabaixo).

No segundo semestre, grava o LP *Aqui*, pela Continental, com produção de Roberto Santana, inaugurando o estúdio Level, de 24 canais, que viria a ser, posteriormente, a Som Livre. O lançamento é realizado também no Teatro Leopoldina, desta vez com direção musical e participação ao piano de Celso Loureiro Chaves. O sucesso deste disco foi ainda maior que o do primeiro. Todas as músicas destacaram-se em rádio (coisa rara de acontecer).

1976 - Através do programa Fantástico (TV Globo), repercute nacionalmente o clip da *Canção da Meia-Noite* (de Zé Flávio Oliveira, ainda não integrante do grupo como instrumentista), e a música entra na trilha da novela Saramandaia (TV Globo), fazendo enorme sucesso. Entre os muitos shows, destaca-se o realizado no segundo semestre com a "Orquestra de Câmara" da OSPA, no Teatro da Reitoria da UFRGS. A cantora Fafá de Belém grava *Vento Negro* e *Haragana* (de Quico Castro Neves).

1977 - Assina contrato com a Polygram e muda-se para o Rio de Janeiro, onde gravam o terceiro LP *Alhos com Bugalhos*, com produção de Roberto Santana. Outro fundador, Quico (viola de 12 cordas e voz), deixa o grupo, sendo substituído por Zé Flávio Oliveira (viola de 12 e guitarra).

1978 - Em São Paulo, grava o LP *Circo de Marionetes*, produzido por Marcos Maynard. Mais um integrante da formação original, Gilnei Silveira, retira-se. O disco é lançado no Rio de Janeiro, com o reforço de Fernando Pezão na bateria. Em dezembro, a banda se dissolve.

1979 - Em abril, ainda reúnem-se no Teatro da Reitoria da UFRGS para um show de encerramento das atividades do grupo; afinal de contas, o "Almôndegas" havia sacudido as estruturas da música do Rio Grande do Sul que nunca mais seria a mesma depois dele.

1990 - Um show para celebrar os quinze anos do primeiro disco é realizado na casa noturna L'Atmosphère, em Porto Alegre.

Reúnem-se Gilnei, Pery, Quico, Kleiton, Kledir e Zé Flávio, com participação especial de Fernando Pezão na bateria e Inacinho no baixo (substituindo João Baptista que não pôde comparecer). O espetáculo foi documentado pela TVE e é uma verdadeira preciosidade, não apenas pelo aspecto técnico, que mostra um grupo



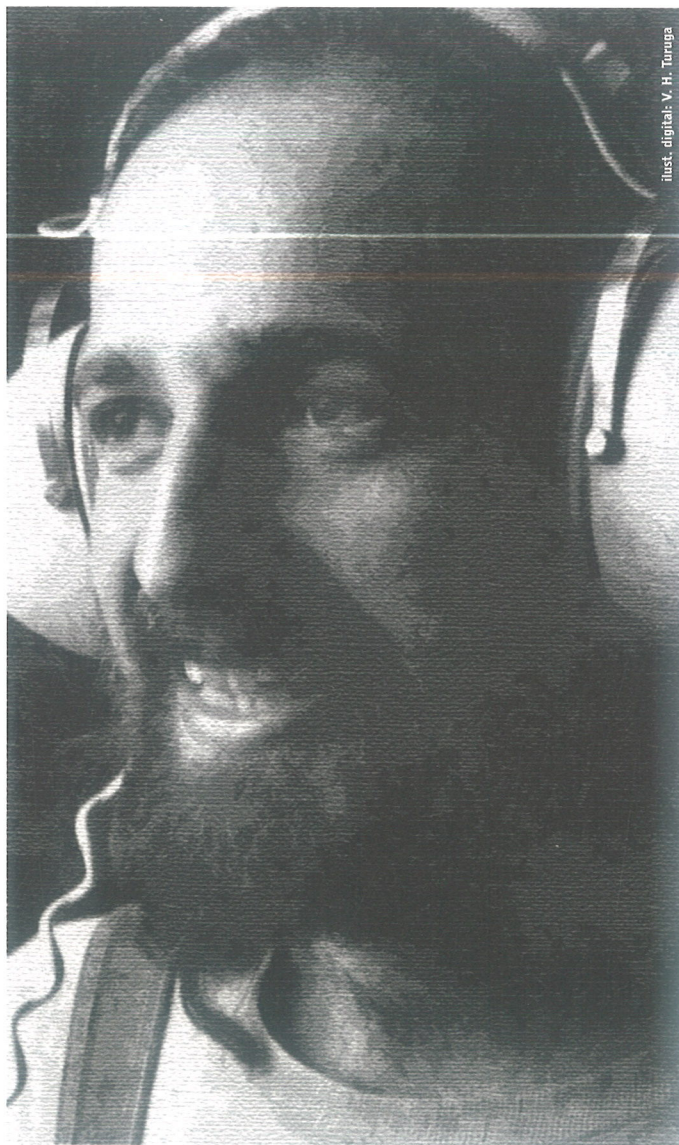
amadurecido musicalmente, mas com a mesma centelha original.

Também deixa claro a importância destes artistas para a história da nossa música. Ali pode-se ver a tão procurada ponte entre o sul e as outras regiões do Brasil, com o espírito universal que uniu o pop ao regional na obra deste grupo e mudou os rumos da música do Rio Grande do Sul.

Gilnei - Gilnei Ferreira Dutra da Silveira

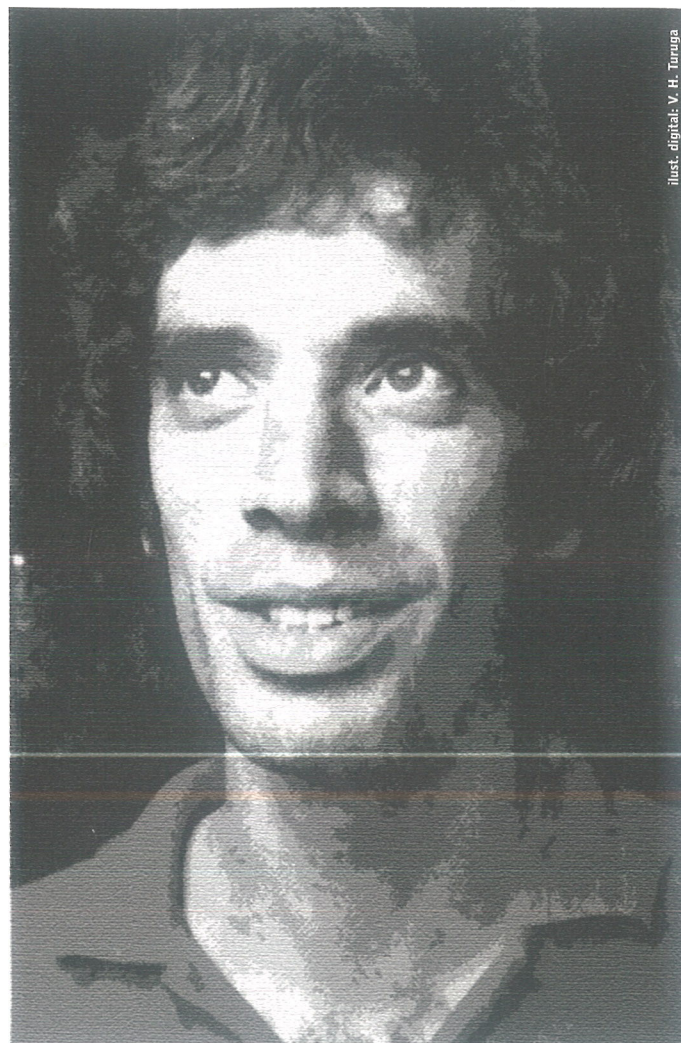
Natural de Jaguarão, percussionista, é integrante da formação original do "Almôndegas", parceiro de Kleidir na música que deu nome ao grupo. Estêve com o conjunto até 1978.

Formado em Comunicação, passou a atuar na área de publicidade. Atualmente reside em Joinvile (SC).



ilust. digital: V. H. Turuga

Quico - Eurico Guimarães de Castro Neves



ilust. digital: V. H. Turuga

Natural de Pelotas, é também fundador do "Almôndegas"; cantor, violonista e compositor de sucessos do grupo, como *Haragana* e *Gô*.

Formado em Engenharia, esteve no grupo até o terceiro disco (1977) e atualmente é professor universitário na UFPEL/RS.

Zé Flávio - José Flávio Alberton de Oliveira

Nasceu em Porto Alegre a 10 de abril de 1952. Ainda estudante secundarista do Colégio Infante Dom Henrique, participou de vários festivais como compositor e instrumentista. Ao apresentar-se na I Mostra de Música Popular (1972), travou contato com o grupo de músicos que geraria o "Almôndegas", que ele próprio, mais tarde, integraria.

Nos anos 70, formou conjuntos de destaque, como

"Em Palpos de Aranha" (com Cláudio Levitan) e "Mantra". Em 1976, obtém sucesso nacional com a *Canção da Meia-Noite*, na gravação do "Almôndegas". Passou a integrar o grupo em 1977, acompanhando a mudança para o Rio de Janeiro e permaneceu até a sua dissolução, em 1979.

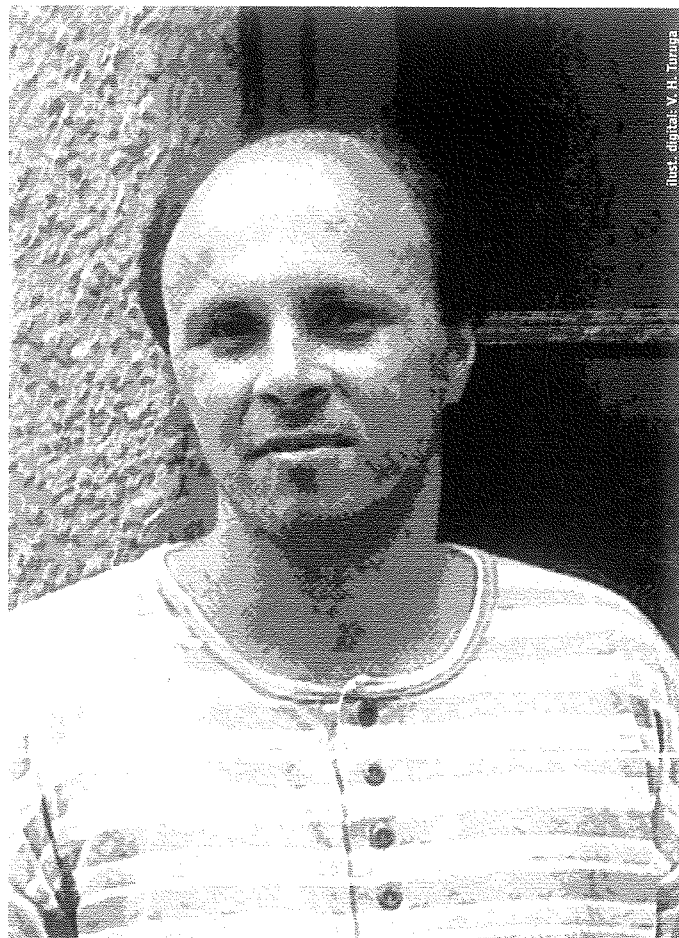
Nos anos 80, trabalhou com Emílio Santiago, Oswaldo Montenegro, Elba Ramalho, "Frenéticas", "Bixo da Seda" e "Kleiton & Kledir", além de integrar o legendário "Musical Saracura" e fundar o conjunto cover "Os Totais".

Nos anos 90, depois de dois anos atuando em conjuntos de baile de São Paulo, retornou a Porto Alegre, reintegrando-se a "Os Totais" e compondo para vários artistas como Levitan, Muni e "Bandalieira", além de dirigir o Departamento de programação da FM Cultura do RS.

Em 2000, foi agraciado com o Troféu Açorianos de Melhor Instrumentista de MPB.



Pery Souza - Pery Alberto Alves de Souza



Pery Alberto Alves de Souza. Nascido a 13 de abril de 1953, em Jaguarão/RS. Passou a infância na cidade natal e a adolescência em Pelotas. Desde os três anos, envolve-se com música e instrumentos. Aos sete anos, inicia estudos de acordeom no Conservatório Municipal de Jaguarão, onde demonstrava grande aptidão intuitiva.

Em Pelotas, segue os estudos no conservatório local, posteriormente dedicando-se ao violão. Ali passa a conviver musicalmente, de maneira mais intensa, com os primos Kleiton e Kledir e a turma que mais tarde viria a formar o "Almôndegas".

Pery cursou Composição e Regência e licenciou-se em música pela UFRGS. É autor de vários clássicos da música do RS como: *Estrela Guria* (com Fogaça), *Noite de São João* (com Kledir), *Por Onde Ela Anda* (com Jaime Vaz Brasil) e *Pampa de Luz* (com Luiz de Miranda, segundo lugar no III Musicanto), entre outras. Teve canções gravadas por vários intérpretes, entre eles Fafá de Belém, Olívia Hime, Glória Oliveira, Victor Hugo e Vitor Ramil.

Foi tesoureiro da Cooperativa Mista dos Músicos



de POA (Coompor) por duas gestões. É presidente do Conselho Consultivo da Associação Gaúcha do Disco Independente. (Agadisc).

Tem dois discos solo gravados: *Pery Souza* (Som Livre/RBS -1985, relançado em CD -1998) e *Milonga do Pendular Encontro*, em parceria com Jaime Vaz Brasil (Independente/1997).

Vencedor de vários festivais como a Moenda da Canção e Musicanto (Linha Instrumental), além de outras premiações de segundo e terceiro lugares, arranjos e etc., num total aproximado de vinte e cinco prêmios.

"Dentro deste processo de formação de todos nós, tanto pessoal quanto profissional, o 'Almôndegas', além da importância que adquiriu como grupo, foi um verdadeiro laboratório de vivências e convivências que se refletiram e que continuarão a fazer parte da vida de todos os envolvidos. Uma das grandes 'inovações' que o grupo trouxe para o cenário da música brasileira/gaúcha é o fato de harmonizar diferentes tendências, como a música regional, a música pop, a MPB e, também, a formação acadêmico/musical de seus integrantes. Estas sonoridades experimentadas ao longo da existência do grupo vieram a influenciar toda uma geração, ainda que a consciência disto não nos chegasse com clareza." (Para Henrique Mann, em novembro/2001)

Capítulo Especial - Kleiton & Kledir

Os irmãos Ramil formam uma tendência, uma escola na música regional do sul e, quiçá, do Brasil. São, segundo a maioria dos entrevistados nestes fascículos, a mais clara demonstração de modernidade incorporada ao conceito universal de arte a partir do Movimento Nativista, deflagrado em 1971, com a Califórnia da Canção de Uruguaiana. Não que sejam eles originários deste ciclo de festivais; mais do que isso, absorveram o conjunto de idéias que constituíram o conceito "nativista" e o reconstruíram com parâmetros da música universal de sua época.

Representam, desde o "Almôndegas" e cia., a transposição da música regional gaúcha para um padrão inteligível a toda a juventude urbana do Brasil, objetivo perseguido por vários artistas no decorrer de nossa história. São dignas de nota a quantidade e a qualidade dos músicos gaúchos que declaram ver em "Kleiton & Kledir" a consumação do objetivo de comunicar a música do Rio Grande com as outras regiões brasileiras. Esta história começa com a geração do "Almôndegas" e sua gênese histórica e geográfica, mas tem um prosseguimento significativo para a nossa cultura, como veremos.

1951 a 1953 - Kleiton nasce a 23 de agosto de 1951, e Kledir a 21 de janeiro de 1953, em Pelotas (RS), filhos do uruguaio Kleber Pons Ramil e Dalva Alves. Tiveram uma infância culturalmente rica, calcada na confluência geográfica entre Brasil, Uruguai e Argentina, que fez da família uma geradora de pessoas envolvidas com arte.

Kleiton ingressou na UFRGS/POA, em Engenharia Eletrônica, em 1970; Kledir, em Engenharia Eletrônica da mesma universidade, em 1971.

Em 1973, ingressaram juntos na Faculdade de Composição e Regência da UFRGS, não concluindo o curso, mas tirando dali o necessário para a continuidade de sua música. O somatório das experiências anteriores que os levaram ao "Almôndegas", com esta experiência acadêmica, fez com que, findado o grupo, eles prosseguissem a ideologia musical ali aventada e se tornassem sucesso nacional ao longo de muito trabalho.

1980 - Encerrado o ciclo "Almôndegas" com o quarto disco, em 1978, os irmãos Ramil partem para a afirmação da dupla criada em 1979, lançando o primeiro LP homônimo pela Ariola. Neste ano, o "MPB4" grava duas composições da dupla, tornando *Vira Virou* (título do disco) sucesso nacional.

No seu show, o "MPB4" abre-lhes espaço e, segundo a revista *Veja* (22/10/80), eles "... quase roubam o espetáculo. Cantando com sotaque, vestidos de ponchos, dançando rancheiras, eles surpreendem os espectadores



Kledir, Kleiton, João Silveira, e os irmãos, Kátia, Branca e Vitor.



Primeira apresentação pública de Kleiton e Kledir (6 e 5 anos). Festa de São João no Instituto de Educação Assis Brasil, Pelotas.

com o ritmo descontraído de *Maria Fumaça*". A manchete desta matéria é "Dupla gaúcha recupera a voz do sul" e, depois de constatar o surgimento de uma geração de bons músicos rio-grandenses, conclui que "A partir de agora, há vozes gaúchas".

1981 - Lançam novo disco, *Kleiton & Kledir*, pela Ariola. O sucesso de público em shows está sedimentado nacionalmente, e as músicas rodam bem em rádios de diversos segmentos. Os irmãos Ramil começam a popularizar expressões gaúchas, como "tri-legal" e "deu prá ti", pelo Brasil.

1983 - Sai pela Ariola um novo LP homônimo, que chega ao disco de ouro. Vários artistas gravam composições da dupla, mas as versões da cantora Simone para *Eu Tô que Tô* e *Paixão* (gravadas em 82 e 83, respectivamente) estouram em rádio e em trilhas de televisão. Pode-se dizer que, ali, os irmãos Ramil atingem definitivamente o reconhecimento nacional. O linguajar gaúcho e a musicalidade ganham contornos de modernidade e atingem em cheio as grandes cidades do Brasil. Este objetivo havia sido perseguido ideologicamente por vários artistas do Rio Grande. Mais do que isto, havia (e ainda há) um debate permanente sobre a melhor forma de tornar a música gaúcha inteligível para outras regiões brasileiras, sem que ela perdesse as características regio-

nais, mas que ganhasse em modernidade. Kledir e Kleiton conseguem a façanha e, pode-se conferir por vários depoimentos constantes destes fascículos, são reconhecidos por muitos artistas gaúchos como os únicos a conseguir fazê-lo.

1984 - Conquistado o mercado brasileiro, os Ramil lançam os olhos para o promissor mercado sul-americano. Dois discos são lançados: *Kleiton y Kledir en Español* e *Kleiton & Kledir*, ambos pela Polygram.

O disco em espanhol é destinado principalmente à Argentina, onde Mercedes Sosa estabelecia a ponte, incluindo composições da dupla em seu repertório e participando de seu disco.

1986 - Sai novo disco *Kleiton & Kledir*, pela Polygram. Juntos desde a infância, os irmãos sentem um certo desgaste na relação profissional, entrelaçada às suas vidas pessoais. Resolvem "tirar umas férias" um do outro. Kleiton vai viver na França, e Kledir permanece no Rio de Janeiro.

1990 - Lançado o disco solo *Kleiton Ramil*, pela RGE.

1991 - Pela Som Livre, sai o disco solo *Kledir ao Vivo*.



Dançando a chula na apresentação de Maria Fumaça, no Festival da Tupi, em 1979.

1995 - Os discos solo dos irmãos não repetem o sucesso dos discos anteriores, mas o CD *Minha História*, coletânea da dupla pela Polygram, comprova a sua força, vendendo muito bem.

1996 - Retomam o trabalho em dupla, com o disco *Dois*, pela Som Livre. Lançadas as coletâneas *Personalidade e Obras Primas*, ambas pela Polygram. Pelas manchetes da imprensa nacional, pode-se ter uma idéia da recepção: "Kleiton e Kledir acertam passo em boa volta" (O Globo), "Irmãos Pródigos" (Veja), "Dupla prova, no palco, ter fôlego para repetir sucesso" (Jornal do Brasil) e "Eles tão que tão" (Revista Programa). O disco, gravado parte no Brasil e parte em Nova Iorque, reúne craques como Pedro Aznar, Renato Borghetti e Eumir Deodato.

1998 - Lançado nos EUA o disco *Dois (Brazilian Collection - From A to Z - Universal USA)*. Sai, pela Universal, a coletânea *Millenium*. É grande o volume de vendas das coletâneas e, desde a retomada da dupla, mais de 500 mil CDs foram comercializados. Apresentam temporada de seis shows no Museu do Louvre, em Paris, durante a Copa do Mundo.

1999 - A Universal é a nova gravadora da dupla e lança o disco *Clássicos do Sul*. Como deixa claro o nome, o repertório é formado por clássicos do cancionero gaúcho e inclui até mesmo o tema de domínio público *Pezinho*, com participação da apresentadora Xuxa Meneghel.

2001 - Lançado o disco *Kleiton & Kledir* dentro da coleção *A Música Brasileira por seus Autores e Intérpretes - Sesc/SP*. Sai, pela Universal, o CD coletânea *Sem Limite*. Participam do Festival Planeta Atlândida, no litoral do Rio Grande do Sul, em memorável apresentação com participação especial de Luís Fernando Veríssimo ao saxofone. Partem para turnê pelos EUA, incluindo New Jersey, Miami e Connecticut. Planejam ambiciosa produção, com trinta corais (totalizando mil vozes), em Curitiba. A apresentação será gravada para CD, DVD e comporá também um especial de fim de ano para televisão.

O carnaval 2001/2002 terá uma homenagem a Porto Alegre pela Escola de Samba Caprichosos de Pilares. O enredo será "Deu pra ti! Tô em alto astral! Tô com Porto Alegre, tri legal!", inspirado na música *Deu prá ti*, de "Kleiton & Kledir".

Depoimento de Kleidir Ramil a Henrique Mann,
em 24 de outubro de 2001

" Antes de nós, quem levou a música do RS para o Brasil foram Teixeira, Lupicínio e Pedro Raymundo, por vias bem mais populares. No nosso caso, utilizamos a música tradicional mesclada às coisas urbanas. Neste sentido, o nosso leque era mais amplo, e por isso, nos identificamos com vários segmentos sociais diferentes. Fundamental, para nós, foi ter saído do RS. Viemos para o Rio ainda com o 'Almôndegas'. Como conjunto, fazíamos sucesso no RS, mas a mudança nos fez entender os códigos do showbis, e isso nos deu a possibilidade de aceitação pelo mercado nacional, mas, ao mesmo tempo, não perdemos nossa identidade regional."

" Conseguimos estabelecer uma ligação da música gaúcha com o Brasil, e é difícil para quem não sai do RS entender as razões disso, mas precisávamos romper com o preconceito existente dentro do próprio RS de uma área da música em relação à outra. Sempre circulei e me dei bem tanto com o pessoal do rock, quanto da música tradicional, mas, dentro do RS, tornou-se difícil fazer isso. Nós, como povo, sempre fomos belicosos e, ao mesmo tempo, um pouco preconceituosos; tradicionalmente, uma ala da música sempre brigou com a outra, assim como Grêmio e Inter, PT com PMDB ou Maragatos com Chimgos. Então tivemos que sair do RS para entender que é preciso fazer as mesclas e assumir isso.

Quando gravamos Maria Fumaça, fomos, com todo



Com o "Almôndegas"

Gilnei, Kleiton, Kleidir, Pery e Quico.



Kleiton e Kleidir com Caetano Veloso.

o orgulho, levar o disco para as rádios gaúchas e os caras não tocavam, diziam: 'Isso é muito bagual para a nossa programação pop de FM'. Quando a música estourou nas rádios do Rio e SP, aí eles começaram a tocar. Preciso ter uma confirmação do centro do país para eles acharem legal.

Infelizmente esta história se repete até hoje. Todos os artistas gaúchos que querem fazer circular uma linguagem regional no meio pop, e vice-versa, sofrem o mesmo preconceito. Vinte anos depois, ainda escuto as mesmas histórias. Esse preconceito precisa ser rompido! Quando, na Bahia, alguém mistura música tradicional com moderna, sai todo mundo dançando e achando o máximo; em Recife, misturam maracatu com rock e têm o maior orgulho disso. Talvez este quadro tenha mudado nos últimos vinte anos, mas são mudanças muito lentas e tímidas, insuficientes para romper com o preconceito de que falamos. É preciso misturar nossa música tradicional com os novos conceitos e tecnologias, e isso nós fazemos desde o 'Almôndegas'."

" Hoje o RS tem uma imagem melhor frente ao Brasil do que há tempos atrás, mas as coisas ainda chegam muito fragmentadas. O Borghetti vem pouco para o Rio, mas, quando vem, é muito respeitado; a Adriana Calcanhotto é amada aqui no Rio, e o rock gaúcho tem um conceito muito elevado em todo o Brasil. Mas são 'departamentos'. A imprensa daqui me cobra muito as razões pelas quais surge um Chico Cience em Recife e no RS não. Existem boas tentativas com os 'Engenheiros do Hawaii', 'Nenhum de Nós' e até com a banda 'Doidivas' (de Pelotas), mas como eu disse, são 'departamentos'; não há um conceito global de movimento."

" Há muito tempo fala-se em algo como um 'movimento' da música do RS frente ao Brasil, mas o que dificulta é o nosso próprio caráter belicoso interno. Somos diferentes dos nordestinos. Eles têm lá as suas brigas internas, mas todos se ajudam entre si. Eles conseguem ter o entendimento de que, juntos, terão melhores oportunidades. O gaúcho não tem isso. Se uma



Fotos arquivo família Ramil.

Kleiton e Kledir com os pais Kleber e Dalva Ramil, em Pelotas.

banda faz sucesso, a outra já olha atravessado, com inveja ou ciúme. É preciso vencer isso com espírito de equipe; precisamos ser mais corporativos."

" Há quem diga que 'Kleiton e Kledir ficam lá no Rio sem dar força para ninguém', mas é complicado para nós fazermos isto. Não acho que tenhamos condições de 'liderar um movimento'. Ao longo dos anos, temos apontado caminhos. Toda a nossa trajetória, desde 'Almôndegas' até o disco 'Clássicos do Sul', aponta radicalmente para isso. Daí este disco é mal recebido no RS e não toca em rádio nenhuma.

Sei que uma releitura de clássicos do sul não é novidade em nosso estado, mas o disco apresenta uma proposta estética diferenciada. Não se trata de reformular a música do RS, mas da maneira como os discos são gravados. A gravadora investiu 200 mil dólares no projeto de dar uma linguagem pop ao cancionário tradicional do RS, e isso não é bem aceito aí, apesar de tocar e vender bem em todo o Brasil."

" O que podemos fazer de mais importante pela

música do RS é nossa própria música, mas não podemos assumir a função de produtores, até por falta de talento e vocação para isso. Acho interessante as propostas de mostras de música gaúcha aqui no Rio com nosso apoio e participação, mas quem vai produzir isso? Quem vai bancar? Acho que se a gente estourar alguma música em rádio, o efeito é muito maior do que isso. Outra coisa legal, também, é a Caprichosos de Pilares ter Porto Alegre como enredo e usar uma música nossa como fonte de inspiração. Isso é mais benéfico para o RS do que qualquer ação nossa como produtores improvisados."

" Os músicos do RS precisam sair mais do mercado regional e batalhar no Brasil. Nós fizemos isso, apesar de termos sucesso garantido no nosso estado. Passamos dureza, ficamos sem grana, mas foi necessário; é preciso correr risco ao invés de ficar só reclamando e acomodado ao mercado local. As pessoas, por desconhecimento da realidade do showbis, têm a ilusão de que a gente, por ter algum sucesso no Rio, pode tudo. Que nada! Não temos esse poder todo e nem existe fórmula para o sucesso que não seja muito trabalho."



Deu Pra Ti

Kleitton Ramil e Kledir Ramil

G D/F# Em7 Em/D

Deu pra ti bai - xoas - tral

C9 G/B Am7 D7sus4 D7 FIM

vou pra Por - toA - le - gre, Tcham!

C9 Em7/B 3 3 Am7 D7

1. Quan - docu an - doas - sim mei - o Down!,
2. A - lô! Tchur - ma do Bom - - - - - Fim!,
3. Que sau - da - de da Re - den - ção,

C9 Em7/B Am7 D7

Vou pra Por - toe Bah! Tri - le - gal!
As gu - ri - as fão tri - a - fim.
do Fo - ga - ça e do Fal - ção.

C G/B Dm7 G7(9)

Coi - sas de ma - gi - sei lá,
Ga - ro - pa - ba on Bar - Jo - ão,
co - ber - ter deo - re - lha pro frio

C9 Em7/B 3 Am7 D7 DA CAPO

Pa - ra - le - lo Trin - - - - - ta.
Be - la - do - na e chi - mar - rão.
ca - ga - le - ra no Rei - ra Rio

Transcrição de partitura por Pery Souza.



Canção da Meia-Noite

Zé Flávio A. de Oliveira

G D C G
Quantá meci - a noi - teeu meen - con - frar jun - toa vo - cé,

D C D
al - go - di - fe - ren - teeu vou - sen - tir, vou pre - ci - sar - mees - con - der na

Em7 D C
som - bra da lu - a chei - a es - te me - do de ser um vam -

G A7/G C/G G
pi - roum lo - bi - so - mem ouum sa - ci pe - re - re. Um vam -

G A7/G C/G G
pi - roum lo - bi - so - memoum sa - ci pe - re - ré. Do - na - se -

C F Bb G
nho - raa meci - a noi - teeu can - to es - sa can - çao a - nor - mal. Do - na - se -

C F Bb G
nho - ra es - sa lu - a chei - a meu - cor - po - tre - meo que so - rá de mim, que fa - ço

C G D Em
for - ça pra re - sis - tir..... a to - da - es - sa - ten - ta - ção na

C G D Em
som - bra da lu - a chei..... a es - te me - do de ser.....

C G
Um vam - pi - roum lo - bi -

A7/G C/G G G
so - memoum sa - ci pe - re - ré. um vam - pi - roum lo - bi -

A7/G C/G G
so - mem ouum sa - ci - pe - re - ré.....

Transcrição de partitura por Pery Souza.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

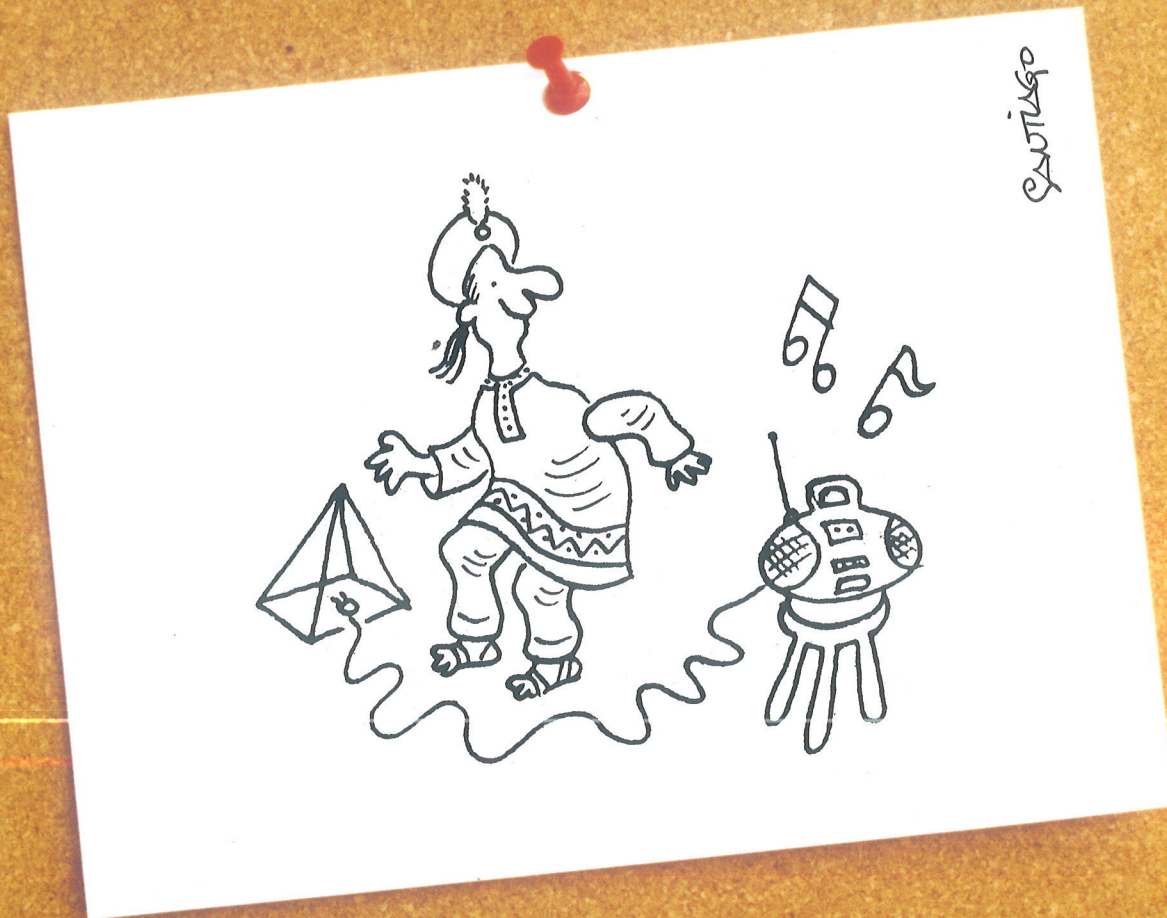
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul


CEEE
www.ceee.com.br


GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura